

Santa Marinha de Paradela

PARADELA, orago Santa Marinha, era vigararia da apresentação do Reitor da freguesia de Chorente.

Fazia parte da Comenda da Ordem de Cristo daquela freguesia; na parede do torreão à entrada do Adro da Igreja existe ainda uma cruz de Cristo a indicar que pertencia àquela ordem.

Paradela ou *Pradela*, como alguns também escrevem e o povo pronuncia, vem, segundo o P.^e António Gomes Pereira, de *Bradella*, sinónimo de pousada e denota o lugar onde se pára, onde se pousa ou onde se demora.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação: — «De Sancta Marina de Paradela», nas Terras de Faria e dizem *non habetur ibi abbas*.

O rei não tinha aqui reguengo algum. Referem-se aos lugares de Requiães e de Couço e dizem mais que de duas partes desta vila pagam voz e calúnia; «et lucratus fuit illam don Petrus Salvadoris et ex tunc non pectarunt vocem nec calumpniam».

Possuem aqui casais Santa Eulália, Hospital e Santo Tirso.

Ignora-se onde fosse situada a sua primitiva Igreja Paroquial.

A actual corre na tradição que era uma antiga capela pertencente a Rates.

Era um edifício de arquitectura românica; o tímpano de uma porta, um *Agnus Dei*, que estava arrumado no Adro foi levado para o Museu Municipal, por iniciativa do meu amigo António Augusto da Silva, de Pedra Furada, meu companheiro na excursão que a esta e outras freguesias acabo de fazer.

Do livro das visitas que o sr. Padre João Gonçalves, muito digno Reitor desta freguesia, me deixou examinar, se vê que em 1767 os seus moradores são louvados por terem mandado fazer a Casa da Fábrica como se tinha ordenado nas visitas passadas. Nesta visita manda-se cobrir e compor um pedaço da Igreja.

O Adro era fechado, servido por duas portas, e manda-se então pôr um fojo em cada uma delas.

Em 1782 manda-se fazer uma escada para ir tocar o sino. Parece pois que estaria em qualquer sineira na fachada do templo, como era costume.

Em 1786 manda-se soalhar o coro e concertar o forro da Igreja.

Em 1805 ordenaram-se muitas obras. A capela-mor, que parece um oratório, foi mandada acrescentar e levantar e reconstruir o arco cruzeiro. Esta obra cresceu para o lado do altar-mor ocupando neste sentido quase todo o adro, não ficando espaço neste para passar uma procissão ; no telhado ainda se vê o aumento que teve.

A Igreja dentro é pobre; na capela-mor, do lado do evangelho, está um quadro, pintura em madeira, representando Santa Marinha com suas oito irmãs, o qual tem por baixo a data 1723.

O baptistério é relativamente moderno; o antigo informam-me que está no adro a servir de alicerce a uma parede.

Por outras paredes que vedam campos circunjacentes ainda se encontram algumas pedras lavradas que serviam à antiga construção desta Igreja e a sepulturas!

À entrada do Adro, do lado esquerdo, ergue-se o torreão para dois sinos, separado da Igreja por aquele, mandado fazer em 1826 pelo coronel João Gomes Barroso, do lugar do Boco, desta freguesia, assistente na cidade do Rio de Janeiro. Era vigário então Domingos da Costa Vale que deixou escrito que esse torreão custou a importante quantia de cem escudos e o sino novo cento e cinquenta e um escudos.

A Residência Paroquial está um pouco afastada da Igreja para o lado do sul. É antiga.

Em 1795 precisava de muitas obras por já há muitos anos não ser habitada pelo pároco.

Em 1805 capitulou-se uma cozinha por a não haver e ainda várias obras. Em 1818 para ocorrer à eminente ruína de que está ameaçada insta-se por esses trabalhos.

Não sei quando se fez essa reparação; hoje está em bom estado de conservação.

Em 1797 mudou-se o cruzeiro, que estava além do ribeiro, em frente da Igreja, para o Largo do Souto da Quinta.

O actual está junto do cemitério e é obra moderna. Tem o princípio de uma inscrição: «Feito em. . .».

O Cemitério ostenta no seu portão a data 1907.

Não existem capelas nesta freguesia.

Há as seguintes Alminhas: — as da Aldeia, as do Boco e as de Santo Torquato, tendo estas na padieira do nicho a data 1877.

Esta freguesia, situada na bacia orográfica do Cávado, na encosta ocidental do monte de Courel, ramificação do da Franqueira, é banhada pelo ribeiro de Couço, que nasce na Cova do Lobo e vai lançar-se no rio Tinto, na Lagoa das Necessidades, ponte do Estreito.

É servida pela estrada que de Vilar de Figos vai a Cristelo ligar com a de Barcelos à Póvoa.

Confronta pelo norte com a de Faria e a de Vilar de Figos; pelo nascente, com a de Courel; pelo sul, com a de Rates, do concelho da Póvoa de Varzim; e pelo poente com a da Esteia e a de Laundos, também daquele concelho, e com as de Barqueiros e a de Cristelo.

É terra fértil, cercada por extensos pinhais e largos montados.

Tem as seguintes fontes públicas: a do Boco, a de Cambanela, a da Clara ou Pontinha, a do Corgo, a da Igreja, a do Galego, a da Horta de Ribas, a do Lameiro, a de Margidos e a do Quelho.

Existe aqui uma nascente de águas ferruginosas, ainda não exploradas, no lugar de Vilares.

A sua população no século XVI era de 32 moradores; no século XVII era de 54 vizinhos; no século XVIII era de 57 fogos; no século XIX era de 294 habitantes e pelo 7.º censo da população de Portugal é de 393 habitantes, sendo 177 varões e 216 fêmeas, sabendo ler 45 homens e 7 mulheres.

As suas casas mais importantes são: a de Requiães, a da Igreja, a do Capitão, a da Calçada da Bouça e a dos Barrosos.

Tem uma loja de mercearia e não tem indústria própria.

Não tem Escola oficial e tem Caixa do Correio.

Dos homens mais ilustres cujos nomes andam ligados a esta freguesia apenas nos lembramos dos seguintes:

Coronel João Gomes Barroso, natural desta freguesia, viveu muitos anos no Brasil, cidade do Rio de Janeiro, e mandou fazer em 1828 o torreão da Igreja, colocando nele um sino»

P.º Domingos da Costa Vale, vigário de Paradela durante muitos anos.

P.º Manuel Ribeiro de Castro, natural do concelho de Monção foi pároco em Paradela e depois abade da fre-

guesia de Navais e Vereador da Câmara Municipal do concelho da Póvoa de Varzim, onde faleceu há poucos anos.

P.^e Agostinho da Cunha Sotomaior, senhor da casa de Requiães nesta freguesia, foi pároco da freguesia de Barcelinhos durante muitos anos, onde faleceu.

Os frades franciscanos do Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira, sito não longe daqui, estabeleceram em época que não posso determinar, na Igreja Paroquial de Paradela, a Ordem Terceira de São Francisco.

A sua piedade e predomínio sobre os povos circunvizinhos, e ainda em outros bem longe, levou-os à propagação desta devoção.

Estas ordens terceiras eram governadas por um Comissário que era um frade daquele convento.

Para atestar a passagem de povos antigos por estas paragens é do nosso conhecimento a existência de uma mamôa, no sítio da Mamôa Redonda, que a ignorância de muitos e o pouco respeito pelas cousas do passado de alguns destruiu e arrasou.

O P.^e Carvalho na sua *Corografia Portuguesa* diz, quando se refere a esta freguesia, que tem «muito mel, caça de lebres e muitas víboras».

Quanto ao mel foi produção que desapareceu, pois na digressão que fiz por estas terras não notei abundância de cortiços ou colmeias de abelhas, quanto às lebres parece que têm levado uma derrota pelas pessoas que *andam à lebre*, por esse mundo de Cristo e quanto às víboras apenas se encontram vestígios em certas línguas, que atacam desafortadamente a reputação do próximo, cuja virulência se irradiou por muito longe daqui.

Esta freguesia viu-se pois há muito tempo livre da praga das tais víboras e pela grande expansibilidade das línguas viperinas ficou só com a má língua necessária.